



Entre o ceticismo e o racionalismo: A curiosa posição filosófica de Pierre Bayle

Luiz Paulo Rouanet¹

Resumo: Chama a atenção, entre os que estudam Pierre Bayle, uma aparente contradição entre o ceticismo do filósofo, que é aceito de maneira praticamente unânime pelos comentadores, com posições racionalistas, teístas e fideístas do autor. O artigo procura, em um primeiro momento, definir que tipo de racionalismo pode ser o de Pierre Bayle. Para alguns (Popkin), Bayle seria um cético pirrônico. Para outros (Ryan, Irwin), seria um cético acadêmico “mitigado” ou qualificado. Esclarecida essa questão, o artigo se volta para a compreensão do que seria essa aparente contradição entre o ceticismo do autor e posições mais “dogmáticas”, no sentido cético. A noção de “consciência errante” vem à baila, embora não seja o objeto primário do artigo. Do ponto de vista metodológico, abordou-se aqui o sentido oposto ao habitual, que é examinar primeiramente o autor e em seguida os comentadores. Dada a abrangência e diversidades dos escritos de Bayle, optou-se por examinar, aqui, a bibliografia secundária.

Palavras-chave: Ceticismo. Racionalismo. Século XVII. Pierre Bayle. Fideísmo.

INTRODUÇÃO

Este texto constitui minha segunda aproximação com o pensamento de Pierre Bayle (1647-1706), a primeira tendo ocorrido no texto “Entre a incompreensão e a intolerância: as raízes do extremismo”, apresentado na ANPOF de 2024 e recém-publicado (Rouanet, 2025). Trata-se, portanto, dos primeiros passos em uma pesquisa que se prevê de longo termo, dada a prolixidade do autor estudado e a relativa escassez de material sobre o assunto.²

Um dos aspectos que chama a atenção de quem começa a pesquisar Pierre Bayle é uma aparente contradição entre certo ceticismo “mitigado” ou acadêmico e um racionalismo, de origem cartesiana, que o leva a adotar posições que um cético chamaria de “dogmáticas”. Por

1 Doutor em Filosofia pela FFLCH-USP. Professor Associado UFSJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8623-4400>. E-mail: luizrouanet@ufsj.edu.br

2 Entre nós, já há uma pesquisa incipiente, embora significativa. Em 2024, foi realizado em Brasília, na UnB, o X Colóquio Internacional Pierre Bayle. Ao longo do trabalho, citarei alguns nomes.

exemplo, embora critique os exageros sectários tanto de católicos como de protestantes, em momento algum coloca em questão a existência de Deus e sua influência determinante como fator causal no ordenamento do mundo, em uma posição que se aproxima, em sua maior parte, do ocasionalismo de Malebranche.

Neste texto, procurarei fazer um levantamento preliminar da questão, a partir de alguns estudos sobre Pierre Bayle e o ceticismo. Dada a abrangência e diversidade dos escritos de Bayle, tivemos que inverter a ordem metodológica tradicional, em que se dá prioridade ao texto do autor, deixando para um segundo momento o levantamento dos comentadores e intérpretes de seu pensamento. Esta etapa ficará para o prosseguimento da pesquisa, em outros textos e em outros âmbitos.

Assim, examinarei na sequência alguns textos que tratam da relação entre Bayle e o ceticismo, ou que procuram especificar que tipo de ceticismo é o de Bayle, já assumindo que se trata de um pensador cético. Partindo desse pressuposto, portanto, procurarei identificar que tipo de cético ele é, segundo os comentadores e segundo minha própria análise.

1 O CETICISMO DE PIERRE BAYLE

Seguirei os textos a que tive acesso em ordem mais ou menos aleatória. Assim, examinarei sucessivamente os textos de Ryan (2011) e Irwin (2021). Li, mas não examinarei aqui, os textos de Hickson (2011), Smith (2013) (2015), e Loque (2025). Como referência geral de fundo, veja-se Labrousse (1996 [1964]).

1.1 O “CETICISMO PROBABILISTA” DE BAYLE, NA VISÃO DE TODD RYAN

Assim, começando por Todd Ryan, ele parece já partir da constatação de Bayle como cético, ou, pelo menos, como apresentando argumentos céticos, os quais teriam influenciado Hume, segundo Popkin (1980, p. 155, citado por Ryan, 2011, p. 56). Ryan rejeita essa aproximação, considerando que o tipo de ceticismo defendido ou praticado por Bayle é diferente daquele adotado por Hume. Segundo Ryan (p. 56): “(...) apesar do lugar proeminente concedido ao ceticismo, Hume não era um cético no modelo bayleano, nem considerou insolúveis os argumentos céticos sobre os quais Bayle mais insistiu.”

Uma das dificuldades de se caracterizar o tipo de ceticismo de Bayle tem a ver com a proximidade de seus escritos e à maneira como contrapõe os argumentos, no chamado “método de oposição” (Smith, 2015), em que Bayle procura dar aos argumentos contrários a maior força possível, e não enfraquecer as posições com que não se concorda para reforçar o próprio ponto de vista, o que seria a “posição dos advogados”. Além disso, em seus diálogos, e por trás dos diversos artifícios que se utiliza para se proteger da perseguição, é difícil, muitas vezes, identificar qual é precisamente a posição de Bayle. Por último, mas não menos importante, é preciso levar em conta certa variação nas posições de Bayle ao longo de sua vida.

Em todo caso, no texto de Ryan que ora examinamos, fica claro que se trata de uma espécie de ceticismo “probabilista”, como se vê na seguinte citação:

(...) a concepção moderada de Bayle é que a razão humana está sujeita a inúmeras contradições nas quais se percebe que dois ou mais princípios auto-evidentes são logicamente inconsistentes ou mesmo contraditórios. Contudo, Bayle não tenta extrair um ceticismo global dessa concepção, mas, antes, afirma que em pelo menos alguns casos uma escolha racional pode ser feita entre os princípios conflitantes. (Ryan, 2011, p. 62-63).

Em outros termos, não temos como chegar a uma “verdade última” a respeito da maioria dos assuntos, uma vez que somos limitados e não temos a consciência e a ciência divinas. Assim mesmo, podemos escolher a razão mais provável, diante dos argumentos contrários. Aproxima-se do método de escolha do enxadrista, que possui tempo limitado e não dispõe dos recursos de um computador (pelo menos nas partidas ao vivo). A única coisa que sabe é que tem que escolher, à semelhança do que dirá Sartre mais tarde (“O homem está condenado a ser livre. Não sabe o que tem que escolher; a única coisa que sabe é que tem que escolher” [Sartre, 1978 [1946]]).

Voltando ao texto de Ryan, ele conclui sobre o tipo de ceticismo que lhe parece mais adequado para Bayle: “Assim, pode-se descrever melhor a posição de Bayle, não como um pirronismo, mas antes como uma espécie de ceticismo probabilista com relação aos princípios auto-evidentes” (Ryan, 2011, p. 63). Não acompanharei Ryan em sua caracterização do ceticismo de Hume, por contraposição ao de Bayle, mas interessa-me uma última observação, a respeito das “razões suficientes”:

Numa discussão da *Continuação dos pensamentos diversos*, Jacques Bernard argumentou que é um princípio da razão que, quando se descobre uma crença com base em razões claras e evidentes, devemos considerá-la certa, mesmo se está acompanhada de “grandes dificuldades” que têm origem nos estreitos limites de nossa mente. (Ryan, 2011, p.70).

Algo a ser investigado, futuramente, é o quanto essa noção se aproxima do “princípio de razão suficiente” de Leibniz, mas é algo que não podemos fazer aqui.

1.2 O “CETICISMO ACADÊMICO QUALIFICADO” DE BAYLE, SEGUNDO KRISTEN IRWIN

Kristen Irwin defende que o ceticismo de Bayle seria um ceticismo acadêmico qualificado. Com base nisso, defende uma concepção de conhecimento moral em Bayle que seria “falibilista”, ou seja, nos limites daquilo que podemos de fato afirmar, podemos defender certas posições morais como certas. Vejamos, primeiramente, como ela define o tipo de

ceticismo de Bayle. Antes de mais nada, ela não tem dúvidas sobre Bayle ser um cético: “(...) the most uncontroversial claim that one can make about Bayle – perhaps the only uncontroversial claim one can make about Bayle! – is that he is, in some sense, a sceptic” (Irwin, 2021, p. 277).

Após descartar o tipo de ceticismo pirroniano, posição defendida por Popkin em relação a Bayle, Irwin considera que Bayle é um cético acadêmico, mas não de tipo antigo, e sim moderno. Estaria aí, segundo ela, a contribuição de Bayle para essa forma de ceticismo na Modernidade. Uma passagem que é central para a argumentação de Irwin nesse sentido é a seguinte:

O ceticismo acadêmico qualificado de Bayle possui diversas e importantes implicações para a possibilidade do conhecimento moral. Em primeiro lugar, se Bayle é um cético acadêmico qualificado, então, na medida em que crenças morais são justificadas com base no *bon sens* (“bom senso”), sua justificação é meramente *πιθανόν* (plausível ou persuasiva), jamais certa; Uma segunda implicação, sustento eu, é que crenças morais meramente plausíveis jamais serão suficientes para justificar qualquer tipo de perseguição – incluindo perseguição com base na religião. (Irwin, 2021, p. 276).³

A concepção de razão baseada no “bom senso” ou no “common sense” (não estou afirmando que ambas as expressões são equivalentes, mas não posso me deter nessa distinção aqui), fornece a Bayle a base para sua tolerância. Uma vez que temos uma razão finita, devemos apenas seguir o que nos parece correto, após raciocínio, e não podemos impor nossa visão a outros. Nas palavras de Irwin, “To sum up Bayle’s conception of reason, then, it seems clear that he has both skeptical tendencies and what we might call ‘common sense’ tendencies” (Irwin, 2021, p. 284). Em outros termos, uma tendência a seguir a “reta razão” em matéria de moral, que não diga respeito à religião. Nesse sentido, ainda segundo Irwin, “The principles of morals that are known by right reason are universally and evidently true” (2021, p. 285).

Irwin cita abundantemente Bayle, no Dicionário e em outros textos, em corroboração de sua tese. Passagem que é crucial para outro tema em Bayle, o da “consciência errante”, é a seguinte:

Essas primeiras observações de Bayle são importantes, pois fornecem o quadro que ele desenvolverá posteriormente em sua explicação da relação entre consciência e *la droite raison* [a razão reta ou correta].

3 “The qualified Academic scepticism of Bayle has several important implications for the possibility of moral knowledge for Bayle. First, if Bayle is a qualified Academic sceptic, then insofar as moral beliefs are justified on the basis of *le bon sens* (“good sense”), their justification is merely *πιθανόν* (plausible or persuasive), never certain. A further implication, I argue, is that merely plausible moral beliefs will never be sufficient to justify any kind of persecution – including persecution on the basis of religion.” Traduções minhas, exceto quando indicado em contrário.

Embora Bayle mais tarde defenda os deveres e direitos da consciência errante, ele jamais se afasta da distinção entre consciência e *la droite raison*. Enquanto a consciência emita veredictos sobre a moralidade de ações particulares por indivíduos particulares, *la droite raison* é o árbitro último da moralidade em geral. Isso fornece um significativo controle externo sobre a consciência potencialmente errante. (Irwin 2021, p. 288).⁴

Não examinarei a noção de “consciência errante” aqui, já me programando para discurrir a respeito proximamente.⁵ Exatamente por não examinar essa noção aqui, também me eximirei de comentar o artigo de Flávio Loque, que parece contestar a tese de Irwin (Loque, 2025).

Para terminar esta análise rápida do artigo seminal de Irwin, é preciso enfatizar que, para Bayle, mais importante do que a “crença verdadeira”, ou “correta” é a “ação correta”: “what is *most* important is not right belief, but right action. Right action requires right reason, and right reason requires tolerance” (Irwin, 2021, p. 292; grifos da autora).

2 ENTRE O CETICISMO E O RACIONALISMO: A POSIÇÃO DE PIERRE BAYLE

Pelo que pudemos averiguar até aqui, embora se possa, indubitavelmente, caracterizar Bayle como cético (cf. Irwin, 2021, p. 277, citado acima), esta não é a única posição dele. Ele mescla o ceticismo com uma dose de racionalismo e mesmo de “fideísmo” (no sentido de considerar que, sendo a razão humana falível, ela deve se conformar a suspender o juízo no que se refere às verdades reveladas da religião, e aceitá-las quando isso não contraria a reta razão).

Bayle não parece pôr em dúvida a existência de Deus. Em momento algum, até onde pude verificar, ele poderia ser considerado um “ateu”. Como conciliar essa visão teísta – no sentido de não se comprometer com uma visão religiosa única, seja protestante, seja católica, embora seja um calvinista – com o ceticismo acadêmico qualificado? Mesmo no que concerne às explicações mecânicas, Bayle parece se aproximar de uma visão próxima à de Malebranche (cf. Labrousse, 1996, p. 239 e passim; ver, em particular, o cap. 7, “L’occasionalisme”).

Então, pode-se dizer que Bayle é cético pelo método (de oposição), que o aproxima do ceticismo acadêmico, um ceticismo acadêmico “qualificado”, como diz Irwin. Além disso, do

4 “These early remarks by Bayle are important, because they provide the framework that Bayle will develop later in his account of the relationship between conscience and *la droite raison*. Though Bayle later defends the duties and rights of the erring conscience, he never wavers from the distinction between conscience and *la droite raison*. While conscience delivers verdicts on the morality of particular actions by particular individuals, *la droite raison* is the ultimate arbiter of morality in general. This provides a significant external check on the potentially erring conscience.”

5 Encontro com a FISP (Federação Internacional das Sociedades de Filosofia), a ocorrer entre 24 e 28 de novembro em Salvador – BA. A programação do evento pode ser conferida em: <https://encontrofisp.ufba.br/programacao/>.

ponto de vista pessoal, é adepto do calvinismo, ao qual jamais renunciou, após haver brevemente se convertido ao catolicismo, enquanto em França.

Do ponto de vista do temperamento, pode-se inferir que tenha sofrido influência de Erasmo e do erasmismo, buscando antes a conciliação do que a divergência sectária. Sua posição contrária à revogação do Édito de Nantes (através da publicação do Édito de Fontainebleau por Luís XIV; cf. Rouanet, 2025), mas também crítica à intolerância no próprio campo dos protestantes (ver seu “Aviso importante aos refugiados sobre seu próximo retorno em França” (1690) [in Zarka e Lessay, 2002, v. 3] o mostram inclinado mais à conciliação do que à discórdia.

Cartesiano por convicção e formação, Bayle mescla o seu racionalismo com uma dose de ceticismo, que o leva a investigar (*sképsis*) as diversas posições em confronto em seu século e em séculos anteriores). Uma erudição a serviço da crítica e da difusão do conhecimento, em uma antecipação da filosofia das Luzes.

CONCLUSÃO

Como dito no início, esta é uma pesquisa que está apenas se iniciando. Contrariamente a meu hábito, analisei a bibliografia secundária sem ter me detido nos escritos do próprio Bayle. O *Dicionário histórico-crítico* e o *Comentário filosófico* estão agora em minha “mesa” de trabalho, e serão em seguida abordados nos limites de minhas forças e capacidade.

Antes de terminar, tenho me aproximado da ideia de que o erro é constitutivo do ser humano ou, em outras palavras, o erro é uma das coisas que nos tornam humanos. Além de finitos, somos também falíveis, mas isto é que nos torna interessantes, que nos faz querer discutir, divergir, debater. *Errare humanum est* (Sêneca e Jorge Ben Jor). Pierre Bayle parece concordar com isso.

REFERÊNCIAS

IRWIN, Kristen, “Reading Bayle, Again: A Survey of the Interpretive Landscape and A Defense of the Academic-Moral Knowledge Reading”, in Rosaleny, Vicente Raga e Smith, Plínio J. (ed.), *Sceptical Doubt and Disbelief in Modern European Thought – A New Pan-American Dialogue. International Archives for the History of Ideas*, 233. Cham, Suíça: Springer, 2021), p. 143-159.

HICKSON, Michael W. “The Role of Skepticism in Bayle’s Theory of Toleration”, in Rosaleny, Vicente Raga e Smith, Plínio J. (ed.), *Sceptical Doubt and Disbelief in Modern European Thought – A New Pan-American Dialogue. International Archives for the History of Ideas*, 233. Cham, Suíça: Springer, 2021), p. 161-176.

LABROUSSE, Elisabeth. *Pierre Bayle – Hetérodoxie et rigorisme*. Paris: Albin Michel, 1996 [1964].

LOQUE, Flávio. “Bayle pirrônico? Considerações sobre ceticismo e tolerância no *Comentário Filosófico*”, in Revista *Dois Pontos*, no prelo, 2025.

POPKIN, Richard. “Bayle and Hume” in Richard A. Watson and James E. Force (eds.), *The High Road to Pyrrhonism*, San Diego: Austin Hill Press, 1980.

ROUANET, Luiz P. “Entre a incompreensão e a intolerância: as raízes do extremismo no século XVII”. Curitiba, *Dois Pontos*, vol. 22, no. 1, p. 20-28, junho de 2025.

RYAN, Todd. “Hume e Bayle: a razão diante das dúvidas céticas”. Trad. Plínio J. Smith. *Sképsis*, Ano IV, nº 7, 2011, p. 56-72.

SARTRE, Jean-Paul. “O existencialismo é um humanismo” (1946), in SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo e outros textos*. Tradução Vergílio Ferreira et alii. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os pensadores), 1978.

SMITH, Plínio J. “Bayle and Pyrrhonism: Antinomy, Method, and History”, in Sébastien Charles and Plínio J. Smith (eds.), *Scepticism in the Eighteenth Century: Elingthenment, Lumières, Aufklärung. International Archives of the History of Ideas*, 110. Cham, Suíça: Springer, 2013.

SMITH, Plínio J. *O método cético de oposição na Filosofia Moderna*. São Paulo: Alameda, 2015.

ZARKA, Yves; LESSAY, Franck; ROGERS, John (org.). *Les fondements philosophiques de la tolerance*, 3 vs. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

Artigo Submetido em 12.10.2025 e aprovado em 01.11.2025.

Luiz Paulo Rouanet: Doutor em Filosofia pela USP (2000). Realizou pós-doutorado na UNICAMP, com o tema Filosofia da natureza de Kant, e na UFMG (2018-2019), com o tema Novo estudo sobre o ser em Parmênides. É professor associado III da UFSJ. Professor do Departamento de Filosofia e Métodos da UFSJ. Publicou: *Rawls e o enigma da justiça* (2002), *Paz, Justiça e tolerância no mundo contemporâneo* (2010), *O enigma e o espelho* (2024). Organizou, com outros autores, as coletâneas: *Razão mínima* (2004), *Rouanet 80 anos* (2014), *Ética e direitos dos animais* (2015), *Democracia e representação* (2021). É tradutor profissional, com dezenas de livros publicados. É membro do GT-Filosofia e Direito da ANPOF, membro emérito do GT-Ética e membro da Sociedade Platônica Internacional. Atual Coordenador do PPGIL-UFSJ. Coordena o Grupo de Estudos sobre a Guerra e a paz (GEGEPA), na UFSJ.

Endereço: Campus Dom Bosco, na Praça Dom Helvécio, 74, Bairro das Fábricas, São João del-Rei - MG, CEP 36301-160.

Editor: Dr. Geraldo Luiz de Mori

Avaliadores: Maria Cecília Pedreira de Almeida e Patrícia Carvalho Reis.